

Riquezas de sepultura?
 O mármore que há nas lousas
 Mostra apenas como dura
 A pedra em cima das cousas.

Conversa de festa e arte,
 Conjunto orquestral ordeiro,
 Cada qual em sua parte,
 Ninguém na do companheiro.

Entusiasmo onde esteja
 Tem limites naturais.
 Confiança diminui
 Onde a promessa é demais.

Às vezes o bem, no mundo,
 Não sabe onde se acomode.
 Quem pode ajudar não quer,
 Quem quer ajudar não pode.

NHÁ BELA

Nhá Bela jaz ferida na barraca.
 Em vão fora pedir gotas de arnica,
 Pois o moço dissera na botica:
 — “Não atendo gamboa na ressaca.”

Tem febre alta... O corpo tremelica...
 Sòzinha, encontra o chão por leito e maca...
 Perde sangue... Delira... Está mais fraca...
 Lavadeira de tanta gente rica!...

Chora na noite escura que a regela,
 Mas alguém rompe a sombra e diz: “Nhá Bela!”
 E a pobre clama: “Oh! filho, dá-me luz!...”

Brilha o zinco da choça de repente
 E na morte que a beija, docemente,
 Deslumbrada, Nhá Belavê Jesus!

Compaixão inoportuna
 Onde o crime se concentre,
 Lindo cavalo de Tróia
 Com novos crimes no ventre.

As pessoas preguiçosas,
 Conforme o senso comum,
 Querem sempre algum trabalho
 E estão sem tempo nenhum.

Discernimento e bondade
 São em si diversos dons.
 Caridade sem justiça
 E' um mel que sufoca os bons.

Invejoso inteligente?
 Ninguém aceite esse engano.
 Inveja esmaga o talento
 Como a traça rói o pano.

O FAZEDOR DE CAIXÕES

O carapina Tonho Macambira,
 Fazedor de caixões no Sítio Claro,
 Estava rico à custa do descaro
 Com que explorava a morte do caipira.

Dava aos doentes cuias de tiquira,
 Queria sepultura e desamparo...
 Parecia cachorro de bom faro
 Tomando o cobre em contas de mentira.

Mas Tonho faleceu numa caçada...
 Atirou nele mesmo, de arrancada,
 Quando espantava abelha e muriçoca.

E seja pela culpa ou pelo peso,
 O Espírito de Tonho ficou preso
 Sete anos no barro com minhoca...